

**Harald BURGER: Phraseologie: Eine Einführung am Beispiel des Deutschen.** Berlin: Erich Schmidt Verlag 1998 (224 S., DM 69,00 ISBN 3-503-04916-9)

A obra, dividida em nove capítulos, ocupa-se de questões relacionadas à fraseologia do idioma alemão, abordando conceitos básicos, classificação e terminologia, problemas semânticos, provérbios, aspectos históricos, fraseologismos nos textos e nos dicionários e, finalmente, diferenças regionais.

No primeiro capítulo, o autor define as características que devem estar presentes nas expressões designadas como fraseológicas. Para ele, é preciso que a expressão se constitua de mais de uma palavra e que tais palavras não tenham sido colocadas juntas apenas para aquela vez, mas que se trate de uma combinação usual de palavras, que seja conhecida pelos falantes do alemão exatamente naquela configuração (eventualmente com algumas variantes).

As principais características dos fraseologismos em sentido amplo são, segundo o autor:

- (1) Polilexicalidade (*Polylexikalität*): os fraseologismos compõem-se de mais do que uma palavra;
- (2) Fixidez (*Festigkeit*): conhecemos os fraseologismos exatamente na combinação de palavras em que se apresentam;
- (3) Idiomaticidade (*Idiomatisität*): indica que os componentes formam uma unidade que não é totalmente explicável por regras sintático-semânticas e que o sentido do todo não é a somatória dos sentidos de cada um dos elementos formativos.

No item “fixidez”, o autor faz uma incursão mais aprofundada, visto que esse aspecto suscita várias abordagens ligadas ao uso. Dentre elas, destacamos as questões relacionadas à fixidez estrutural, como as restrições. Elas podem ser:

- a) morfossintáticas – certas operações morfológicas e/ou sintáticas não podem ser realizadas com os fraseologismos. Exemplo:

*Das ist kalter Kaffee → Der Kaffee ist kalt*

Ou a conversão de um adjetivo em oração relativa. Exemplo:

*Das ist kalter Kaffee* → *Das ist Kaffee, der kalt ist*

- b) semântico-lexicais: em algumas expressões não se pode substituir um dos componentes por um sinônimo. Exemplo:

*die Flinte ins Korn werfen* por *das Gewehr ins Korn werfen* ou *die Flinte in den Hafer werfen*.

O autor salienta ainda um certo relativismo da fixidez estrutural, configurado como:

- 1) Variações: alguns fraseologismos apresentam variações na forma, podendo ter alterações, acréscimos e substituições de palavras. Exemplos:

*seine Hand/seine Hände im Spiel haben*

*sich etw. im Kalender anstreichen/sich etw. rot im Kalender anstreichen*

*jmdn auf den Arm nehmen/jmdn auf die Schippe nehmen*

- 2) Modificações: são inseridas com o objetivo de provocar um determinado efeito. Por exemplo, utiliza-se um antônimo:

*Schlechter Rat ist teuer*

- 3) Erros: são os desvios observados nas construções dos fraseologismos, como a “contaminação”. Exemplo:

*Da drücken wir Ihnen alles Gute.*

Trata-se de uma junção do fraseologismo *jmdm den Daumen drücken* com a frase *jmdm alles Gute wünschen*.

No capítulo 2, o autor oferece uma classificação para os fraseologismos. Primeiramente, ele os divide em:

- referenciais: ligados a objetos, processos e circunstâncias. Exemplo:

*Schwarzes Brett*

*Jmdn übers Ohr hauen*

*Morgenstund hat Gold im Mund*

- estruturais: têm apenas a função de estabelecer relações (gramaticais).

Exemplo:

*im Bezug auf*

*sowohl – als auch*

- comunicativos: utilizados em situações comunicativas específicas. Exemplo:

*Guten Morgen*

*Ich meine...*

Os fraseologismos referenciais são subdivididos em: nominativos e proposicionais. Os nominativos apresentam três ramificações: as colocações (*Kollokationen*), os semi-idiomatismos (*Teil-Idiome*) e os idiomatismos (*Idiome*). Os proposicionais dividem-se em: frases fixas (*feste Phrasen*) e formas tópicas (*topische Formeln*). Essas últimas desdobram-se ainda em provérbios (*Sprichwörter*) e lugares-comuns (*Gemeinplätze*).

Além dessa classificação, BURGER enumera outras classes especiais de fraseologismos, a saber:

- formações modelares (*Modellbildungen*): orientam-se por um esquema estrutural. Ex.: *X um X* → *Glas um Glas*

*von X zu X* → *von Stadt zu Stadt*

- formas gêmeas (*Zwillingsformeln*): seguem um determinado modelo, combinando duas palavras da mesma classe ou a mesma palavra duas vezes, ligadas por *und* ou por outra conjunção. Exemplo:

*klipp und klar*

*Schulter an Schulter*

- fraseologismos de comparação (*Komparative Phraseologismen*): contêm uma comparação fixa que geralmente reforça um verbo ou um adjetivo. Exemplo:

*frieren wie ein Schneider*

*dumm wie Bohnenstroh*

- *Kinegramme*: designam comportamentos não verbais convencionalizados, codificados pela língua. Exemplo:

*die Achseln zucken*

*die Nase rümpfen*

- Frases consagradas ou citações (*geflügelte Worte*): são expressões oriundas da literatura, de filmes, do mundo da publicidade etc. que se consagram como expressões conhecidas e usuais. Exemplo:

*Sein oder Nichtsein, das ist hier die Frage* (Hamlet, de Shakespeare)

*Nicht immer, aber immer öfter* (dito atual do mundo da propaganda)

- Fraseologismos de autor (*Autorphraseologismen*): são expressões criadas por um autor conhecido e que caíram no uso comum.

- Fraseologismos onomásticos (*Onymische Phraseologismen*): são fraseologismos com função de nome próprio. Exemplo:

*Der Ferne Osten*

*Das Weiße Haus*

- Termos fraseológicos (*Phraseologische Termini*): são termos cujo uso se consolidou dentro de um determinado âmbito técnico. Exemplo da linguagem técnica jurídica:

*eintsweilige Verfügung*

Exemplo da linguagem técnica da economia:

*eine Dividende ausschütten*

- Clichês (*Klischees*): são expressões que “entram na moda” e que são utilizadas em larga escala e sem especificação pelos falantes.

Os capítulos 3 e 4 são consagrados ao aspecto semântico dos fraseologismos.

No capítulo 3, são analisados os principais problemas emergentes desse aspecto, a saber, questões relacionadas à “significação livre” (*freie Bedeutung*) dos componentes, às várias formas de se ler um fraseologismo (*Lesarten*), à autonomia semântica dos componentes, às particularidades semânticas dos fraseologismos (polissemia, sinonímia, complexidade, vagueza, expressividade) e à fraseologia como sistema semiótico secundário.

O capítulo 4 volta-se à questão dos idiomatismos e metáforas, estabelecendo as diferenças e semelhanças entre as duas figuras lingüísticas e explicando do ponto de

vista cognitivo como elas são elaboradas pelos falantes. Aborda também o aspecto imagético dos idiomatismos, ou seja, como alguns fraseologismos são capazes de evocar uma projeção visual concreta, como em *Öl ins Feuer gießen*, para transmitir conceitos abstratos, através de um processo classificado pelo autor como “conceitualização metafórica” (*metaphorische Konzeptualisierung*).

O capítulo 5 trata dos provérbios. Segundo o autor, os provérbios compõem frases completas e podem ser vistos como “microtextos”. Da perspectiva da produção lingüística, podemos considerar que eles são ativados como uma unidade e são relativamente livres do contexto. Eles são polilexicais e apresentam diferentes graus de idiomatidade. Geralmente são empregados:

- (1) para expressar convicções, valores e normas válidos dentro de uma certa cultura ou época, cumprindo assim uma função social;
- (2) para cumprir tarefas derivadas de situações comunicativas específicas, exercendo uma função pragmática/contextual.

Os provérbios podem funcionar como advertência, persuasão, argumento, confirmação, consolo, atenuação, convicção, aviso, constatação, caracterização, esclarecimento, descrição, afirmação, justificação, síntese etc.

No capítulo 6 são tratados os aspectos históricos dos fraseologismos. Nele, os fraseologismos são separados de acordo com os seguintes grupos: a) fraseologismos que não se modificaram; b) fraseologismos que não são mais usados; c) fraseologismos que têm hoje uma formulação lexical ou uma estrutura morfossintática diferente da original, mas que mantiveram o mesmo sentido; d) fraseologismos que mantiveram suas formas originais, mas que tiveram o sentido alterado; e) fraseologismos com um componente que só existe dentro do fraseologismo; f) fraseologismos que outrora eram apenas ligações livres de palavras ou cuja ligação fraseológica era apenas fraca; g) fraseologismos de componente único, oriundos de um processo evolutivo de junção de mais de um componente. Ex. *vorderhand* (antigamente: *vor der Hand*).

O capítulo 7 discorre sobre aspectos pragmáticos da fraseologia, abordando a questão dos fraseologismos no texto, inclusive sua colocação espacial, ou seja, o lugar mais adequado para sua inserção.

O autor se atém ainda a outros dois aspectos que considera característicos na utilização dos fraseologismos, a saber, a coesão e a modificação.

Em relação à coesão, menciona que alguns fraseologismos não podem ser modificados por mecanismos de referência, ou seja, pela substituição de nomes por pronomes etc. Por exemplo, numa frase como *Du solltest die Flinte nicht so schnell ins*

*Korn werfen* não se pode substituir *die Flinte* pelo pronome *sie*. Já as colocações deixam-se ligar inteiramente ao contexto pelos meios da coesão.

As modificações são classificadas em três tipos:

1. Modificação formal sem modificação semântica: adaptação do fraseologismo ao contexto, com acréscimo ou modificação. Ex.: *Öl ins Feuer der Raubgold-Debatte giessen*;
2. Modificação formal + modificação semântica: alteração do fraseologismo (geralmente através de uma substituição) em busca de um certo efeito. Ex. de uma propaganda de televisão de 1994, em que um faxineiro utiliza um produto para a limpeza de um banheiro, cuja embalagem tem a forma parecida a de um pato. O locutor do comercial diz ao final: “*WC-Ente verdient Ihr Vertrauen. Ente gut, alles gut.*”
3. Modificação semântica sem modificação formal: o contexto evoca um sentido para o fraseologismo utilizado que não é o seu sentido original. Ex.: *Rotes Kreuz aufs Kreuz gelegt*  
*Hilfsgüter im Wert von 2,2 Millionen schickte das Schweizerische Rote Kreuz 1994 nach Uganda – und kroch einem Betrüger auf den Leim.* (Tages-Anzeiger, 15.8.96)

O autor enumera, então, alguns limites para as modificações e fala da relação entre os fraseologismos e os tipos de texto. Aborda a fraseologia na linguagem da televisão, nos textos técnicos e nos livros infantis.

O capítulo 8 analisa como os fraseologismos são abordados nos dicionários, área denominada por ele de “fraseografia”, termo paralelo à “lexicografia”.

O autor menciona a falta de critérios teóricos dos dicionários para pautar o que seja realmente fraseológico, contribuindo para uma certa arbitrariedade na compilação e explicação dos fraseologismos. Aborda também a questão do contexto, extremamente necessário para explicar os fraseologismos, já que os mesmos não podem ser vistos como unidades independentes. Reclama que a maioria dos dicionários não trazem contextos representativos. Enfim, o autor aponta as diversas falhas dos dicionários, desde a falta de menção à atualidade ou não dos fraseologismos, até aspectos ligados à postura do falante e à adequação de utilização, dentre outros problemas.

As diferenças entre o alemão da Alemanha, da Áustria e da Suíça e o reflexo delas na fraseologia própria de cada país são o assunto do nono e último capítulo do

livro. Nele, o autor faz uma abordagem das particularidades da fraseologia em cada um desses países, salientando alguns aspectos mais importantes. Relaciona as diferenças linguísticas ao contexto sócio-político, discorre sobre aspectos sócio-linguísticos, aponta as características típicas de cada um desses países e fala sobre o reflexo da oralidade no texto escrito.

Trata-se, portanto, de uma obra essencial àqueles que pesquisam a fraseologia, visto que fornece uma visão geral dessa área. Os numerosos exemplos de fraseologismos são muito elucidativos e dão forma concreta às questões teóricas abordadas. Enfim, é o ponto de partida para outros estudos mais específicos sobre aspectos particulares da fraseologia.

Eurides Avance de Souza, pós-graduanda, Área de Alemão, USP